



Ernst Cassirer

Geografia e Filosofia

Sylvio Fausto Gil Filho
Marcia Alves Soares da Silva
Rafael Rodrigues Garcia
(Orgs.)



Ernst Cassirer

Geografia e Filosofia

Sylvio Fausto Gil Filho
Marcia Alves Soares da Silva
Rafael Rodrigues Garcia
(Orgs.)

Curitiba/PR
2019

Copyright © 2019 by Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFPR

Copyright © 2019 by Sylvio Fausto Gil Filho

Copyright © 2019 by Marcia Alves Soares da Silva

Copyright © 2019 by Rafael Rodrigues Garcia

Conselho Editorial

Eduardo Brito-Henriques (UL – Lisboa)

Eduardo José Marandola Junior (UNICAMP)

Fernanda Cristina de Paula (IFMG)

Francisco de Assis Gonçalves Junior (UFMT)

Mario Ariel González Porta (PUC – SP)

Reginaldo José de Souza (UFFS)

Desenho da Capa

Bijan Ardjomand

Capa, projeto gráfico e diagramação

Georgia de Macedo

Revisão de texto

Elaine dos Santos

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

E71

Ernst Cassirer : geografia e filosofia [recurso eletrônico] / Organização:
Sylvio Fausto Gil Filho, Marcia Alves Soares da Silva, Rafael Rodrigues
Garcia. -- Curitiba : Programa de Pós – Graduação em Geografia – UFPR,
2019.

1 arquivo [339 p.] : il., color.

ISBN: 978-85-7335-332-7 (E-book)

Inclui bibliografia.

1. Cassirer, Ernst, 1874-1945. 2. Geografia. 3. Geografia Cultural. 4.
Filosofia. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós –
Graduação em Geografia – UFPR. III. Gil Filho, Sylvio Fausto. IV. Silva,
Marcia Alves Soares da. V. Garcia, Rafael Rodrigues. VI. Título.

CDD: 910.01

Bibliotecária: Vanusa Maciel CRB- 9/1928

Universidade Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100 - Ed. João José Bigarella – 1º andar - sala 108
Jardim das Américas – Curitiba – PR
Telefone: (41) 3361-3450
E-mail: posgeografia@ufpr.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – O livro é gratuito e pode ser impresso e distribuído gratuitamente, desde que citadas as fontes. Os textos deste livro são de responsabilidade de seus autores. A violação dos direitos autorais (Lei 9610/98) é crime (art. 184 do Código Penal). Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto 1825 de 20/12/1907.

SUMÁRIO

Prefácio _____	6
Introdução _____	10
Passos e espaços: apontamentos biográficos sobre Ernst Cassirer (<i>Joaquim Braga</i>) _____	17
Sistema e estrutura: uma relação conceitual em Cassirer (<i>Christian Möckel; tradução de Sibebe Paulino</i>) _____	34
Espacialidades de conformação simbólica (<i>Sylvio Fausto Gil Filho; Marcia Alves Soares da Silva</i>) _____	78
A matriz do humano a partir do pensamento de Ernst Cassirer (<i>Moisés Ferreira</i>) _____	105
Geografia Mülleriana: a volta ao espaço mítico (<i>Sibebe Paulino</i>) _____	129
Formas Simbólicas e Humanismo. Contextos, fortuna crítica e atualidade do projeto antropológico-filosófico de Ernst Cassirer (<i>Rafael Rodrigues Garcia</i>) _____	162
As formas simbólicas de Ernst Cassirer e o conceito de patrimônio cultural (<i>Elizabeth Johansen</i>) _____	190
O poder da imaginação. Cassirer e a ampliação da teoria do conhecimento rumo às ciências do espírito (<i>Adriano Ricardo Mergulhão</i>) _____	216
O fenômeno expressivo na <i>filosofia das formas simbólicas</i> de Ernst Cassirer (1874-1945) (<i>Marcia Alves Soares da Silva</i>) _____	246
Da ontologia fundamental à pergunta pela essência do ser-aí humano (<i>Renato Kirchner</i>) _____	279
As formas simbólicas e a paisagem (<i>Marcos Alberto Torres</i>) _____	308
<i>Sobre as autoras e autores</i> _____	335



Prefácio

A hibridez simbólica do espaço *Cassirer e uma geografia possível*

No *Ensaio sobre o Homem*, o seu testamento filosófico publicado em 1944, um ano antes do seu falecimento, Ernst Cassirer voltava a fazer uma derradeira síntese dos princípios fundamentais da sua filosofia, à luz do exílio americano e do amadurecimento do seu pensamento, publicado sistematicamente na década dos anos 20. Reafirmando mais uma vez a primazia da capacidade determinante da criatividade humana, ele voltava a tecer a rede fina e complexa de uma conceptualidade acolhedora da diversidade do rico *bathos da experiência* (Kant) e das suas diferenças, sem nunca ceder à ilusão da redução a um monologismo metafísico, à restrição a um único princípio explicativo, quer lógico ou ontológico. A impossibilidade de reduzir o pensamento cassireriano a um único princípio metafísico constitui ao mesmo tempo a sua mais alta possibilidade, mas também a sua maior dificuldade.

Essa riqueza metodológica oferecida pela *Filosofia das formas simbólicas* foi, desde cedo, reconhecida fora do estrito campo da filosofia e, paradoxalmente, foram outras disciplinas que rapidamente apropriaram-se da riqueza conceptual, das possibilidades metodológicas ou das análises cassirerianas directamente dedicadas aos seus campos de investigação próprios. Certamente, esse sucesso plural contrastava com um segundo exílio do filósofo de Hamburg, dessa vez no campo da própria filosofia do pós-guerra. Se a obra do pen-

sador da complexidade crítica e liberal foi deliberadamente posta de lado por uma fenomenologia, ora fundamentalista, ora sem memória da história da própria filosofia – mas não serão essas as duas caras da mesma radicalidade que encarnam Husserl e Heidegger? –, só no final do século XX é que o campo filosófico redescobriu a obra de Cassirer, muito mais tarde do que disciplinas como a antropologia, a estética ou, no caso que nos ocupa hoje, a geografia.

Certamente, não nos deve surpreender que a geografia encontre em Cassirer um discurso que lhe ofereça novas possibilidades de pensar um dos âmbitos fundamentais e originários do pensamento simbólico: o espaço. Como Cassirer nunca deixou de insistir, foi “o facto da existência de uma coisa como o espaço abstracto [que] foi uma das primeiras e mais importantes descobertas do pensamento grego”¹. Se a figura do proto-geómetra foi desde sempre identificada pela filosofia como uma figura fundadora da própria actividade de pensamento abstracto, o que distingue Cassirer dessa tradição é que ele recusa reduzir a totalidade do campo da experiência a uma forma específica de determinação do espaço como a geometria abstracta. Pelo contrário, ele toma a geometria como uma *possibilidade de libertação* do pensamento rumo a outros horizontes de apreensão, inclusivamente os mais sensíveis, afectivos ou empíricos. Cassirer teve a muito difícil e nobre tarefa de lembrar que, passados 25 séculos de metafísica, a revolução kantiana permite-nos reconduzir o pensamento a um livre exercício de determinação, sem deixar-nos levar pelas ilusões de qualquer reducionismo cientista, teológico ou ontológico e que esse exercício de livre determinação tenha lugar no espaço não é inocente. Já em Kant, a ponta mais radical da *Crítica da razão pura* encontra-se no último acrescento que o filósofo de Königsberg introduziu nas provas da sua obra revolucionária, a *Refutação do idealismo*, que se fundamenta no privilégio de algo de permanente posto na forma do espaço. Prolongando o pensamento kantiano, Cassirer vê na apreensão do espaço algo que nos leva tão

1 E. Cassirer, *Ensaio sobre o Homem*, Lisboa, Guimarães Editora, 1995, p. 48.

longe como a uma reforma necessária do próprio conceito de verdade:

Teremos de aceitar que o espaço abstracto não tem contrapartida e fundamento em qualquer realidade física ou psicológica. Os pontos e as linhas do géometra não são objectos nem físicos nem psicológicos; são apenas símbolos para relações abstractas. Se atribuírmos «verdade» a estas relações, então o sentido do termo «verdade» exigirá, por isso, redefinição. Pois, no caso do espaço abstracto, ocupamo-nos, não da verdade das coisas, mas da verdade das proposições e juízos².

A revolução geométrica oferece portanto um novo paradigma no pensamento para libertar-se de uma “verdade de coisas” e passar a uma “verdade de juízos”. Essa mudança de paradigma levou imenso tempo para ser assumida pela própria filosofia e pelas ciências; até a revolução copernicana, a “carga da prova” continuou, *apesar* da descoberta do espaço geométrico a incidir sobre as coisas. Só com a filosofia crítica é que o livre jogo dos juízos foi reconhecido como o princípio funcional de determinação da totalidade da experiência. Cassirer amplia ainda mais esta revolução para levá-la a multiplicação *das* experiências, aquilo que podemos rapidamente identificar com a multiplicidade das formas simbólicas.

Dito de outra forma, não existe uma única coisa “espaço”; portanto, muito menos existe uma única modalidade legítima de apreensão do objecto da geografia. Em função da riqueza das modalidades de apreensão, de determinação e de problematização do campo geográfico, podemos desenvolver um estudo, necessariamente plural, plurívoco, do objecto da geografia. Nem a oposição rígida aparentemente evidente entre geografia física e geografia humana pode-se justificar, uma vez que essa própria diferenciação deriva de

² E. Cassirer, *Ensaio sobre o Homem*, op. cit., p. 48.

uma actividade de determinação do juízo, ou seja, ela é simbólica, ela traduz formas de determinação e objectivação do juízo humano. Só o humano como *animal simbólico* tem a capacidade de poder falar de natureza e diferenciá-la de uma actividade humana. No entanto, essa diferença só é possível dentro da imensa orbe da actividade simbólica humana, e não denota uma diferença nas *coisas*.

Essa rápida evocação do filosofo de Hamburg permite entender a legitimidade e a naturalidade com que se estabelece o diálogo que se segue entre a geografia e esse pensamento generoso que nos ensina a acompanhar o desselamento do sentido em todas as suas manifestações sensíveis, naturais ou culturais. Ninguém como Casirer trabalhou para fazer dialogar as ciências da natureza com as ciências da cultura, insistindo incansavelmente sobre a continuidade que se manifesta nos múltiplos campos de apreensão da experiência. Os estudos que se seguem prestam homenagem a essa incrível capacidade de interlocução que nos projecta em direcção a novos horizontes de pensamento e de convivência.

Prof. Dr. Olivier Feron

Departamento de Filosofia
Universidade de Évora - Portugal
Setembro de 2019